REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)....	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral doscorreios)	5$000	2$500	—$—	—$—

21.º Anno — XXI Volume — N.º 719

20 DE DEZEMBRO DE 1898

Redacção — Atelier de gravura — Administração

Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

OFFICINA DE IMPRESSÃO — RUA NOVA DO LOUREIRO, 25 A 39

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

CHRONICA OCCIDENTAL

Elle ahi está, não tarda o alegre dia.

Abrem-se as portas dos collegios e dos lyceus, das escólas. É voar, rapazes! Chilreiem alegres por essas ruas, ide abraçar ás vossas aldeias os velhos paes saudosos.

Natal! Natal!... Bate-nos á porta a alegria!

Começam as lojas a enfeitar-se. É o tempo da arte barata. Brilham as sedas das carteiras com aguarellas ingenuas, o gêsso doirado e as lantejoulas, os chromos dos bilhetes de boas festas.

Um anjo todo vestido de seda côr de rosa, em nuvens de algodão prateado, aponta para um distico d'oiro: — *Gloria in excelsis!*

E tudo por baixo é branco como a neve, e todos os chromos representam chalets, onde a neve se accumula, arvores despidas de folhas, invadidas pelo gêlo, brancas, brancas. Os pardaes tiritam de frio nos beiraes, onde tudo é neve.

Aquelle velhote conhecemol-o bem e ha muitos annos. Aquelle gnomo vergado pelos seculos, acalchinado, de nariz vermelho, com as grandes barbas de algodão branco descendo até á cintura, de grande cabelleira a sahir-lhe revolta de sob o capuz escuro, é o nosso amigo inverno.

Assim já nos appareceu, quando eramos pequeninos e assim, tão sympathico, nos vem desde então annunciando o Natal.

Querido velhote!

Os pequeninos kalendarios são cheios de versos alegres. Mandam-se as boas festas a todos em versos cantados pelos poetas da Inglaterra, da França e de Portugal, reproduzidos em chromos doirados.

E sempre se fala de frio, de neves, de céos escuros, cheios de nuvens. A antithese é quem dá os madrigaes.

Porque a verdade é que todas as estampas nos mentem d'esta vez. Nem o velhote tem razão de assim correr para a fogueira, nem os passarinhos para assim tiritarem, nem os telhados para se vestirem com esses arminhos tão bellos.

Estamos em plena primavera e se alguma nuvem por vezes alastra no céo as suas preciosidades, é porque o céo quiz enfeitar-se com esse bocadinho d'oiro em que o sol no poente engastou as mais finas pedras.

Até umas arvores se enganaram e se enfeitaram com espiraes, onde botõesinhos se puzeram a sorrir para o sol! Então os pardaes todos fizeram uma tal chilreada, que os mais novinhos julgaram que já tinha chegado o tempo dos amores.

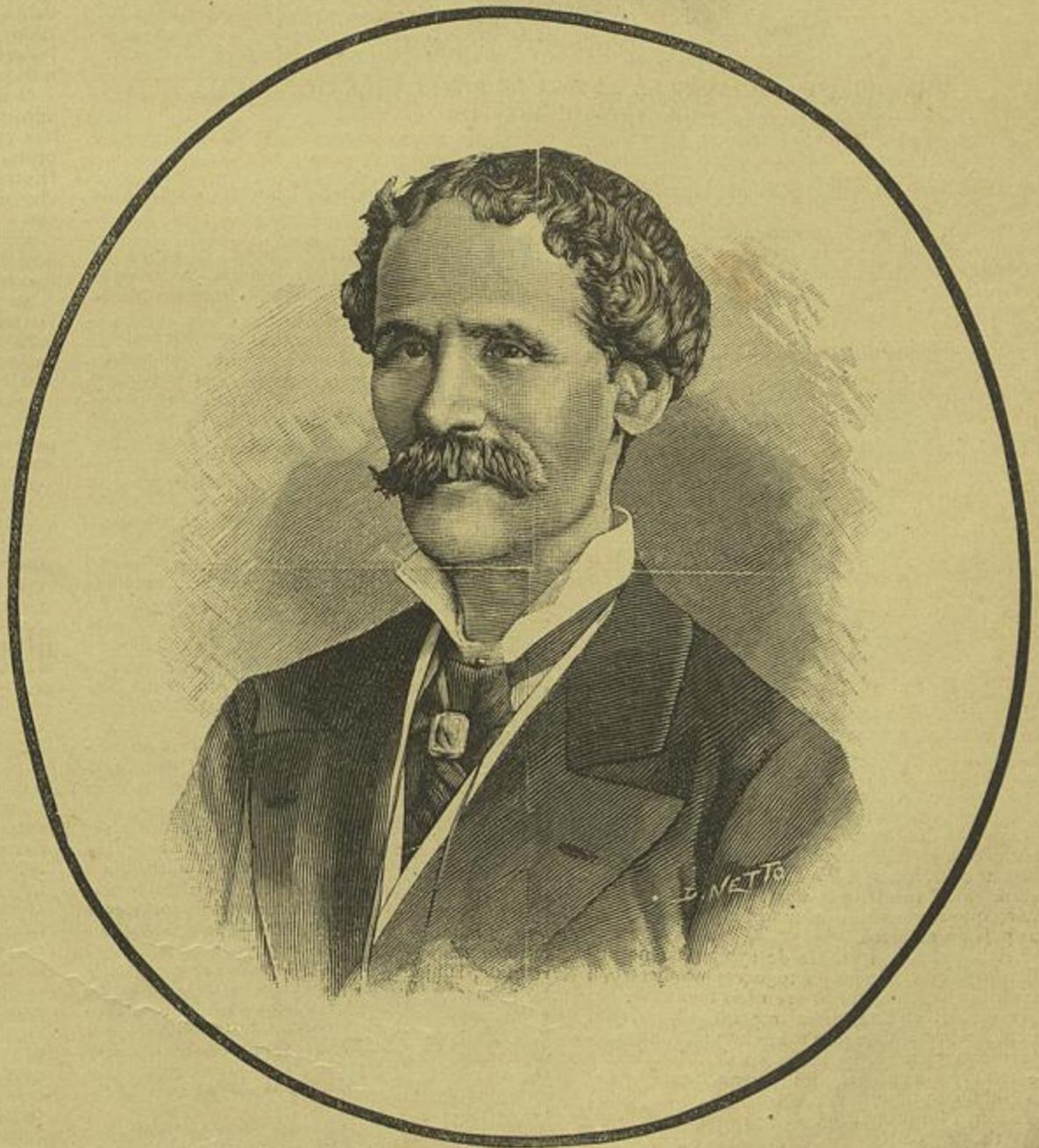
Patetas!

Foi por Deus ouvirem falar em S. Carlos. Ou elles ou nós, costumam dizer dos tenores e dos baixos, dos sopranos e contraltos.

Raras vezes cantam juntos. Uns de dia, outros de noite. Quando nas arvores se dão concertos, costumam os outros afivelar as malas e safarem-se com bilhetes de primeira classe... quando tiveram sorte. Que ás vezes succede, em pleno inverno, essa viagem de retorno, com mais um fiasco na mala.

A abertura de S. Carlos é sempre o facto mais notavel dos invernos na vida elegante de Lisboa, para estes, porque adoram a musica, para aquelles, porque Maria vae com as outras, e póde parecer-lhes mal a ausencia. Uns querem vêr, outros querem ser vistos. O theatro é grande felizmente.

O anno passado teve noites, que por vezes lembraram passadas batalhas de que foi campo aquella platéa. Mas não fôram rivalidades entre dilettantes pelas primadonas que occasionavam esses principios de temporal, com que sempre tanto lucram os empresarios.

A Pasqua e a De-Reské fôram as ultimas que tiveram a suprema dita d'essas victorias em escala ascendente. Cada noite o triumpho alcança-

LATINO COELHO

do por uma havia de ficar na sombra da enorme ovação que a rival conquistava.

E' os luveiros faziam negocio quasi tamanho como o da bilheteira.

É enorme a assignatura das differentes series que a empresa, para satisfazer aos pedidos de muitos, teve que ajuizadamente organisar.

Tudo faz prever um anno excepcional.

O theatro deverá abrir, segundo consta, com a *Manon* de Massenet, a obra prima do afamado compositor francez, que tão excellentemente soube inspirar-se n'uma das melhores obras da litteratura da sua terra.

O Abbé Prévost, o criador d'essa genial personagem, que se chama Manon Lescault, teve a sorte de achar um collaborador que lhe traduzisse a poesia em musica, tão feliz como o foi Beaumarchais com Mozart em *Les Noces de Figaro* e com Rossini no *Barbeiro de Sevilha*.

O inverno vai trazendo a Lisboa as alegrias do costume, vai abrindo as portas dos theatros, dentro em pouco abrirá as dos salões.

Dois bailes animados se realisaram já, um em casa do sr. conde de Magalhães, outro em casa do sr. commendador Nicolao dos Santos Pinto, solemnisando o anniversario de seu casamento e o baptisado de seu filho.

O sr. conde de Valenças já inaugurou as suas partidas das segundas feiras, que costumam ser frequentadas pelo que ha de mais selecto na nobreza, artes e litteratura.

Anima-se a Avenida por estas lindas tardes. As carruagens descobertas passam a meio trote, dão a volta pelo Largo do Camões, descem o Rocio, sobem o Chiado.

El-rei e toda a familia real partiram, ha dias, para Villa Viçosa, onde se teem effectuado caçadas magnificas.

Tambem tem o seu lado bello o inverno no campo, n'esse campo, que de inverno tão poucos conhecem.

As charnecas do Alemtejo, n'estes dias esplendidos de sol, teem uma vida talvez maior que durante a longa sesta que dormem em todo o verão.

Entre os mattos altissimos desponte a herva tenra, tapete macio, que faz verdejar os montes, onde crescem os sobreiros. Quando, pelas madrugadas, a geada cahiu e nasce o sol, não ha escrinio mais bello, que guarde maiores riquezas.

Vão cheias as ribeiras, a agua canta alegre. E, no ar frio, definem-se melhor os sons. É um rebanho ao longe, são as esquilas d'um carro, são as cantarinhas d'um moinho.

Depois chegam os pombos. Andam ás bolotas. Quando o sol se põe, juntam-se em bandos, e voam, voam tão longe, que a vista os perde, na enorme amethista a luzir que se estende por todo o poente.

Depois que boas historias á lareira, onde arde o tronco de azinho rodeado pelo matto miudo! Que lindos clarões nas paredes caiadas!

Não é só Lisboa, não são as capitaes sómente que teem o seu inverno.

Mas em Lisboa estamos e vamos vendo o que ella nos quer dar de novidade.

No theatro de D. Maria a primeira representação de *Les Lionnes pauvres*, de Emile Augier, foi um triumpho para Augusto Mello e Virginia, dois artistas consagrados.

No theatro D. Amelia o caso de sensação foi a nova apresentação da peça de Lopes de Mendonça, *O Duque de Vizeu*, em que Amelia Vieira pela primeira vez representou n'aquelle theatro, ao lado de Rosas e de Brazão.

Havia muitos annos que a peça não era representada. A enchente foi colossal. Nem outra coisa seria de esperar tratando-se de uma obra, que, sem contestação, foi a primeira que chamou a attenção do publico, até áquella epoca bastante indifferente. para os originaes portuguezes.

Lopes de Mendonça pode, entre muitas outras, contar essa grande gloria.

Muitos originaes se lhe seguiram, muitos obtiveram exito, mas Lopes de Mendonça foi o primeiro que soube reaccender um fogo, quo a muitos parecia extincto.

Estabelecida a corrente de sympathia no publico para os originaes portuguezes no theatro, a tarefa dos auctores tornou-se mais facil

O drama, que tamanha impressão produziu, quando representado pela primeira vez, continuou a carreira gloriosa, ha annos encetada, e, depois de tão grande paragem, foi novamente applaudido como da primeira vez, e o nome de Lopes de Mendonça foi pronunciado entre ovações.

O theatro da Rua dos Condes abre muito brevemente, devendo representar-se a comedia de Eduardo Schwalback, *Anastacia e C.ª*, n'essa primeira noite, que promette ser memoravel.

Faz parte da companhia uma actriz italiana, que durante muitos annos esteve no Brazil e que dizem ter um verdadeiro talento para a opera-comica. Deve estreiar-se na nova edição das *Formigas e formigueiros*.

O theatro da Trindade vai fazer mais uma *reprise* do *Tim-tim por tim-tim*, peça que virada e revirada, com mais umas falas, mais uns pompons, posta á moda, cortada aqui, augmentada acolá, promette durar eternamente, para felicidade de Sousa Bastos e contentamento de todos, pois é das peças mais alegres que se teem representado em palcos portuguezes e a isso deve a boa fama.

O publico pega-lhe sempre com agrado e tem razão.

Teve tambem um achado o theatro do Gymnasio. *Alegrias do lar*, assim se chama a peça em que todos os actores, sem uma excepção, representam com uma boa vontade rara em theatros.

E assim com todos os theatros funccionando, em pleno inverno formosissimo, céo aberto para os emprezarios, anda por ora tudo contente, até os lavradores a quem a chuva não faz falta.

Mais tarde o pagaremos.

Nos theatros e nas arvores por toda a parte se canta ao mesmo tempo.

Faltavam no concerto os poetas, mas esses tambem vão apparecendo. A lista das obras annunciadas enchia ha dias quasi uma columna d'um jornal.

Aqui temos já dois volumesinhos: *Murmurios* de Valentim Machado e *Naufrago* de Affonso Lopes Vieira.

Só lhes podemos dar por emquanto as boas vindas.

João da Camara.

LATINO COELHO

No dia 11 do corrente celebrou a Academia Real das Sciencias uma sessão publica e solenne para a leitura do relatorio pelo secretario geral sr. Pina Vidal, e elogio do fallecido academico Latino Coelho, pelo socio effectivo sr. José de Sousa Monteiro.

E' dever nosso acompanhar a Academia na homenagem que prestou ao seu fallecido secretario geral, que por tantos annos o foi, e para isso publicamos o retrato do illustre academico, acompanhando-o com o elogio feito pelo sr. Sousa Monteiro, elogio verdadeiramente á altura do elogiado, primorosa obra litteraria como raramente se tem produzido em lingua portugueza.

«Senhor, senhores: Todo nome que vinga inscripção justa no aureo registo da patria ou da humanidade agradecida por algum d'estes predicados, a que é força contrahir a gabada actividade do homem, esplendeu sem duvida, ou pelo pensamento, que foi preexcellente e altivo; ou pela fórma — assumido o termo na accepção mais ampla —, que se amostrou supremamente bella —; ou pela acção, que se provou modeladora audaz da alma e ser de um povo.

Não reluctam tanto entre si taes predicados — sem embargo de sua garndeza, como todas as grandezas, ciumenta e suspicaz — que se não possam acaso conjungir no mesmo ser. Tambem não é tão senhoril e bem estreada a natureza do homem que no ambito mental de um só caibam de uma vez mais de duas d'essas bemdictas realezas da alma. Nem a Grecia, solo privilegiado entre os que o foram, e mais do que nenhum immorredouramente illuminado de todos os soes da alma, nem essa, offerece ao nosso pasmo quem com razão se ufane d'essa corôa triplice, d'essa tiara intellectual. Teve ella. é certo, Pericles e Platão, mas nem Platão nem Pericles—e que dois nomes cito! — se podem justamente gloriar de tal. Foi sem duvida este, onde era gloria e não somenos ser segundo, orador primacial e estadista de grandeza augusta. Thucydides, seu contrario, denomina-o o mais poderoso dos athenienses de seu tempo pela palavra e pela acção. Ante o primeiro, aquelle deus Platão — *divus ille Plato* — de que nos fala Cicero, acurva-se desde sempre a mente humana rendida, subjugada pela originalidade e possança do pensar, quanto, quando menos, pela perfeição e ineffavel belleza da palavra a estillar, no conceito de toda a Grecia, que é mais do que dizer do mundo inteiro, aquelles meis que depositaram em seus labios de infante recemnado as abelhas obsequiosas e sagradas de um epigramma celebrado. Mas nem Pericles foi grande pela mente aspeculativa quanto Platão — como o poderá ser sem se exceder e muito de homem? —; nem o philosopho da Academia hombreia com o filho de Xantippo — não o lograra sem se adscrever na terra aos immortaes—na certeza, valentia e alcance dominador da acção. Para se haver o inattingivel exemplar, que em vão se pede a qualquer registo humano—fôra mister que a eterna mãe— e para tanto ainda se não quiz potente — fundisse n'um ser só esses dois seres unicos.

E todavia nada ao primeiro aspecto parecera mais natural do que essa conjuncção de tão soberbas prendas: pois nada ahi mais necessaria e intimamente colligado que pensamento, expressão e acto. Sem o indeclinavel auxilio da palavra não podemos nem sequer rastrear essa cousa de luz que se chama o pensamento. E' irrefragavel condição que. sob esse ethereo involucro, se nos offereça elle á reflexão, ainda nos mais occultos recessos do nosso ser intimo. E a acção, por mais vigorosa que a finjamos, tem que affirmar-se cousa inane e vã, desattendivel fructo de estereis velleidades, quando apartada de conceito serio que a alente, informe e lhe segrede: Sê! Amargas ironias do destino que sempre e em tudo, até em nossa propria grandeza, e na maior, triumphalmente nos intima a nossa irreparavel pequenez!

Homens, por isso, que fulgurem pelo pensamento e pela palavra ou pela palavra e pela acção, pertencem ao quasi divino conto dos mais claros, altos e soberanos dados com que a inexhaurivel natureza, sob a mão de Deus, prenda, aviventa, condecora o mundo. Rarissimos, com effeito, e só de longe em longe, envia a grande mãe asperamente avara. Só a Grecia fruiu o condão summo de possuir ao mesmo tempo varios; mas esse condão, por adverso ás pautas e leis da natureza, expiou-o a luminosa Hellade com a mais luctuosa decadencia, seu destino ha seculos. A sorte mede bem as alturas a que nos ergue para que o abysmo, a que tem de nos baixar depois, responda á justa a taes alturas.

D'esta arte, cumpre-nos ter, acatar, venerar até, como mercê de inestimavel preço, mente que logre assignalar-se por um só, por um só que seja, d'esses dons sublimes. Principalmente se, por accepção amiga, embora só no tocante ao dom que a illustra, n'ella derrama largamente Deus, em piedosa compensação, as abundancias, as bentas liberalidades de sua mão omnipossante. Assim passou com o supremo celebrador das glorias portuguezas. A palavra que falou—ou, antes, que cantou—mais parece nascida nos céos a que nos ergue do que na terra, que jamais lh'a dera. Seu conceito e acção irmanam-se, nos contractos limites que lhes cabem, com acção que se não vê e conceito que quasi se não sabe. Succedeu assim com o soberano descobridor das futuras Indias portuguezas. Nunca de seus labios de heroe brotou palavra que se ouvisse, que ainda hoje viva e cante em nossas almas; nem das profundezas de seu ser, pensar que as alteie ou doure de verdade e luz. Mas a acção que o fez e nos fez grandes, nada e medrada no mal allumiado silencio do seu espirito, vence a invencivel vastidão dos mares, e dera de per si o maior facto á Historia Portugueza, se não existisse ainda, para existir perpetuamente, a epopeia que a memora e guarda para applauso eterno.

Não direi, nem pela illustre corporação que me confere a honra de a representar n'este momento e n'este logar, a que presta encanto um auditorio tão gentil quanto illustre, nem por mim, se o nome que hoje recordamos se inscreve em taes registos, onde refulgem nomes de varia gloria, glorias de brilho e de grandeza varia. Disseram-n'o já, e sem contestação, quantos escrevem e falam a lingua de tão suave e imperioso encanto que elle falou e escreveu como rarissimos. E os votos de todos facilmente sobrelevam ao de um só, por maior que seja, prevalecem, e é justo que prevaleçam, ao do mais valioso gremio. Menos se arroga, sem ser menos dura, a missão que exerço. Venho propôr, explanar, ratificar o juizo que antesinto em vós, redizer em voz alta o que em voz submissa provavelmente vos dizeis na mente reflectida e culta. Adivinhal-o, adivinhando-vos.

Não era presumivel que fosse o engenho que hoje commemoramos para assumir logar subido entre os heroes do pensamento. Era de prevêr, e bem, que não. Não seduzem hoje, nem seduziram nunca a alma portugueza as abstracções transcendentaes, as especulações, tanta vez nebulosas, das puras, quando o são, philosophias. De conjecturas sobre as causas primarias e ultimas do homem, de quanto o cinge e absorve, não se namora de ordinario mente sensual e varia, irrequieta e viva, quanta vez! de mais. Não nos sobeja o engenho methaphysico, fallece-nos a vocação especulativa. Espiritos que nos não concentramos, que nos não mettemos e cerramos facilmente em nós, a reflexão que alveja, esmorece e finda logo nos fremitos da nimia sensibilidade, ou nos clarões da phantasia impaciente e mobil.

Se queremos orgulhar-nos de um philosopho digno d'este nome, que bem vale corôas, pelo teimoso amor da verdade, que não viu, pela funda intensidade do pensar, que o transviou, temos de reconhecer que esse tal, Baruch de Espinosa, de seu nome, nos pertence apenas pelo sangue, pela origem, pois antes de nado e creado para a terra, se trasladou algures do solo e céo portuguez nas pessoas de sua afazendada, embora escurecida, avoenga.

De feito, o creador, após mais de 16 seculos de christianismo triumphante, o creador de um vasto, complicado e entenebrecido pantheismo, reconhecido, quando menos, putativo genitor de todo o pantheismo consciente ou inconsciente de hoje, o politico pensador da lugubre doutrina que o poder, qualquer que elle seja, só porque é poder, assume a intima forma e os extremos limites do direito, que afóra as suggestões da paixão mais bruta em dictados de justiça eterna, e, sem embargo da incontestada limpeza e castidade da sua alma, presta egual jus ao crime, á loucura e á virtude, só presume torto e sem razão o que ninguem póde ou quer, tem o homem pelo natural inimigo do homem, crê que pactos e promessas vinculam simplesmente emquanto um interesse, por astucia ou força, nos não inculca ou persuade o envez, não podia ter nascido sob o portuguez enlevo d'este céo, n'este chão abençoado, onde tudo ri, tudo canta, tudo esplende, ainda o que não tem voz, nem rir, nem esplendor em outras partes, onde tudo se embebe de amor e fé, e as almas, feitas para a luz e para a liberdade, puderam competir em transparencias com o inegualavel azul que nos recobre. Tinha por força de leval-o o acaso, que, de avisado e certo, não é muitas vezes mais do que a escondida mão da Providencia, para os apaulados plainos, para as brumas, silencios e tristezas d'essa fria e alagada Hollanda, tal qual a viu aquelle que a gratidão dos indios convertidos á Fé Santa denominou um dia o grande Padre, como o denomina ainda hoje, e ha de denominal-o sempre, o nosso assombro avassalado ás clarezas de tão vivo engenho e ás primazias de dicção sem par.

Contra os instinctos e naturaes pendores da nossa raça, não podia ser Latino engenho singular no pensamento. Sabeis vós todos, senhores, que não foi. A sua intelligencia amplissima, de flexibilidade, de penetração rara, ia dizer unica, a toda ordem de conceitos, a toda especie de sciencias se ageitava, amiga e facil. E, como nol-o está bradando irrefragavelmente a complicada variedade de seus escriptos, alava-se com suprema graça aos mais sublimados pincaros da idéa, como descia sem esforço visto ás mais sombrias profundezas, em que se compraz o pensamento do homem, descuidoso tanta vez das unicas que deviam seduzil-o, d'aquellas em que, como nas da infinita abobada celeste, quando d'ellas se despede o sol, logo scintillam astros de varia luz, e doce e tremula, ou a deusa cariciosa da noite banha na castidade e brancura de sua luz a immensidão silenciosa... Para medir, penetrar, comprehender o mais abstruso e escuro era essa intelligencia privilegiada; não para crear pelo puro pensamento ou adensar, a pretexto de crear conceitos novos, as trevas de que involveu o homem, e teima em involvel-o ainda, a intratavel natureza...

Homem de acção dominadora e ampla, tambem Latino não podia ser. São esses taes homens de estado ou guerra. A's vezes, a um tempo, para punição mais dura de outros, ou mais extreme gloria sua, homens de guerra e estado. chamam-se talvez Alexandre, e, quando assim se chamam, cerram com sua esplendente juventude o aureo cyclo da historia da Grecia, que outro moço não menos bello, não menos grande, Achilles, abrira ás orlas da lenda; põem em contacto longo a Europa, que vai surgir, e a Asia, que se afunde já; tornam possivel a obra futura do Christianismo, que tem de chamar a inteira vida o mundo inteiro: chamam-se talvez Pericles, e, quando assim se appellam, acquistam para a sua patria a poder de genio, e só a poder de genio, a disputada hegemonia politica e a indisputada e indisputavel hegemonia moral com a mais esplendente florescencia artistica de que póde ufanar-se a mente do homem: chamam-se Cesar, e, quando se chamam Cesar, criam fórmas de dominio, a que se impõe seu nome, com viveza e pertinacia tal que ainda hoje existem para incomportavel sobresalto dos sonhadores, mais vãos que enamorados, da absoluta liberdade; affeiçoam o Imperio, Roma, que o mesmo vale que dizer o mundo, á imagem de seu pensamento, á semelhança de seu querer: chamam-se Pombal, e, quando teem tal nome, vertem, como Richelieu, seu estudado modelo, sangue de mais nos alicerces da obra em que tresuam, mas sem a furia epileptica de um Caligula, ou as convulsões e frenesis de um Nero, com a calculada frieza de quem quer, sem tardos antojos de, em suas mãos de algoz pensante, extinguir a nodoa maldicta que a hysterica e somnambula Macbeth tenta em vão apagar de suas mãos aristocraticas, regicidas e avidas: se se appellidam Bismarck e Moltke, logram unir a patria sobre que estremecem e restituil-a, n'um relance heroico, a si e a seus destinos aureos: denominam-se Affonso de Albuquerque ou D. João de Castro, e levantam a terra de seus paes, e sua e nossa, a hombrear com o genio d'elles, ou amparar na altivez de seus hombros, que não mingúa uma fraqueza lugubre, o imperio que rue quando esses hombros faltam.

Ora foi, como ninguem ignora, modesta a procedencia d'este homem, por tantos outros titulos insigne, estreitas as condições em que viveu, e em que aliás a si proprio se fez grande, exiguo de mais, por instante pressão das circumstancias, o ambito em que se póde exercer a sua acção fecunda.

De tudo isto nos dá elle proprio documento e explicação em carta dirigida a um seu biographo, carta dos merecimentos e preeminencias de uma bella auto biographia, escripta com a genial candura, como elle proprio o assella, de quem se prostra e narra aos pés do confessor, e a desabafada e varonil modestia de quem se trabalha de formar dos outros e de si noção exacta. Por essa confissão sympathica sabemos que primeiro lhe «vieram os cuidados do que as barbas», que tristes «amarguras o visitaram precoces», que desde logo pertinaz, «doença lhe influiu entranhada melancholia», que, mal accordado das escolas para o mundo, lhe «começaram as contrariedades da vida».

E, como se depois de tanto ainda fosse necessario mais, reconhece-se dotado de uma «organização excentricamente nervosa». Não podia ser assim homem de acção dominadora e ampla. Não foi, não o podia ser. Já o sabieis vós: todos pessoalmente como eu o conhecestes, pois o destino, nem sempre affecto á nossa patria querida, conservou-nol-o por dias relativamente largos, embora não fossem os que requeriam a nossa cada vez mais instante necessidade de homens de saber e engenho, os que ambicionava a nossa estima e demandava o nosso applauso.

Mas se nem pelo pensamento, nem pela acção lhe foi dado produzir effeitos perduraveis, nada lhe foi recusado no exercicio tão difficil quanto insigne da palavra. Por ella sim, que foi illuminado e grande em toda a arena, em que logrou brandir essa arma de tempera finissima, seu poder e sua gloria.

Assim é que o vemos na imprensa quotidiana periodicista dos primeiros na presteza das pontas e repontas, na viveza das idas e venidas, na certeza dos talhos e revezes; professor, ostentar na dicção, com que expunha na aula a seus alumnos, o brilho, a pureza, a valia de alguns dos mais raros objectos de seu estudo; deputado e par, provar, á semelhança de alguns dos grandes vultos da eloquencia parlamentar em Inglaterra, que foi, em nossos dias quasi, o novo berço e throno augusto d'ella, como se póde pela ironia ser forte sem bruteza, como não damna á rijeza do certeiro golpe a gentileza de quem o vibra; traductor, desmentir em seus lavores um proloquio italiano conhecido, pondo-se de par a par com o conceito, por mais alto que fosse, que vertia; historiographo, essaysta, critico, panigyrista de pujança e largo folego. Em todas as fórmas da palavra se mostrou seguro mestre ao tempo em que logram apenas os melhores ministrar esperanças. Não pretendo expôr-vos quanto em todas ellas gerou de louvado e digno de o ser: desceria a noite sobre a terra adormecida, em suas azas de mudez e treva, amigas geniaes da morte, antes de eu vêr exhausto de todo em todo thema que desafiara, com certeza de victoria, a lingua mais diserta a penna mais fecunda e prompta, a lingua e penna d'elle.

E todavia este homem, nascido para pesar e contrastar idéas, dispôr em phrases as palavras, em periodos as phrases, cariciosas como gemer da ramaria aos fremitos da aragem, ou asperas como tilintar de espadas em refrega dura, tres vezes pretendeu, por acção directa, guiar aos seus destinos a alma da nação. Tão difficil empenho é para todos a intuspecção do proprio ser! Da primeira prefacia a sua penna portuguezissima um opusculo que duplamente o não era. Revivida, em má hora, em prosa sua, alheia aspiração, entre nós e com razão, extincta desde seculos! Quem se julgar para tanto, cite-o a seu severo tribunal; mas pense que a convicção expressa n'essas paginas deriva apenas de um conceito falso. Era, remontados seculos, a Hespanha, antes de fundida e refundida n'um só todo ás duras mãos do despotismo regio, que, por inexplicavel illusão, elle via ahi ainda real e viva. O objecto do seu applauso era assim o predominio, a hegemonia portugueza na peninsula. Um sonho, ainda bem, irrealizavel, um sonho perigoso emprestado de outros e esquecido em breve. Para censura longa deve ser sómente o persistir culposo no erro. Quem nunca errou, ao teimoso picar de petulante sol dos vinte annos, tambem nunca pensou, nem amou nunca. Deliciosa excusa, a da mocidade que é de Deus!

Devolvidos annos, um tumulto popular ergue-o e senta-o de relance no banco, mais castigo que pompa, do poder. D'esses tempos de dura breve e de amargura longa, da sua administração colonial, que resta? Quasi só a memoria de um desleixo, thema alegre de chistes e sainetes que nem sempre o foram, e os echos portuguezes e sonoros da sua dicção castigadissima em discursos e relatorios votados ao destino que em geral cabe entre nós a relatorios e discursos: as columnas do *Diario* e o sem-termo de um doce esquecimento...

Fez-se por fim, ao declinar da vida, affincado propugnador de democracias praticas. Não sei eu, não sabeis vós, não o saberia elle proprio, incerto entre as suas aspirações de ideologo incorrigivel e os desgarres do seu genio essencialmente desdenhoso e dicaz, o que seria a democracia dos seus sonhos. Avento que uma abstracção á maneira de Platão, tendo a mais apenas os Poetas que de seu gremio o grande grego despedia, previamente coroados de myrtos e de louros, e, no codigo penal, equiparada ao parricidio atroz a innocente perpetração de um solecismo. Registe-se todavia para honra sua que este politico frustrado era, por palavras e actos, seguidor sincero do incontendivel asserto de Thucydides, que a social bem-aventurança se estriba na liberdade, quando a liberdade se estriba na virtude.

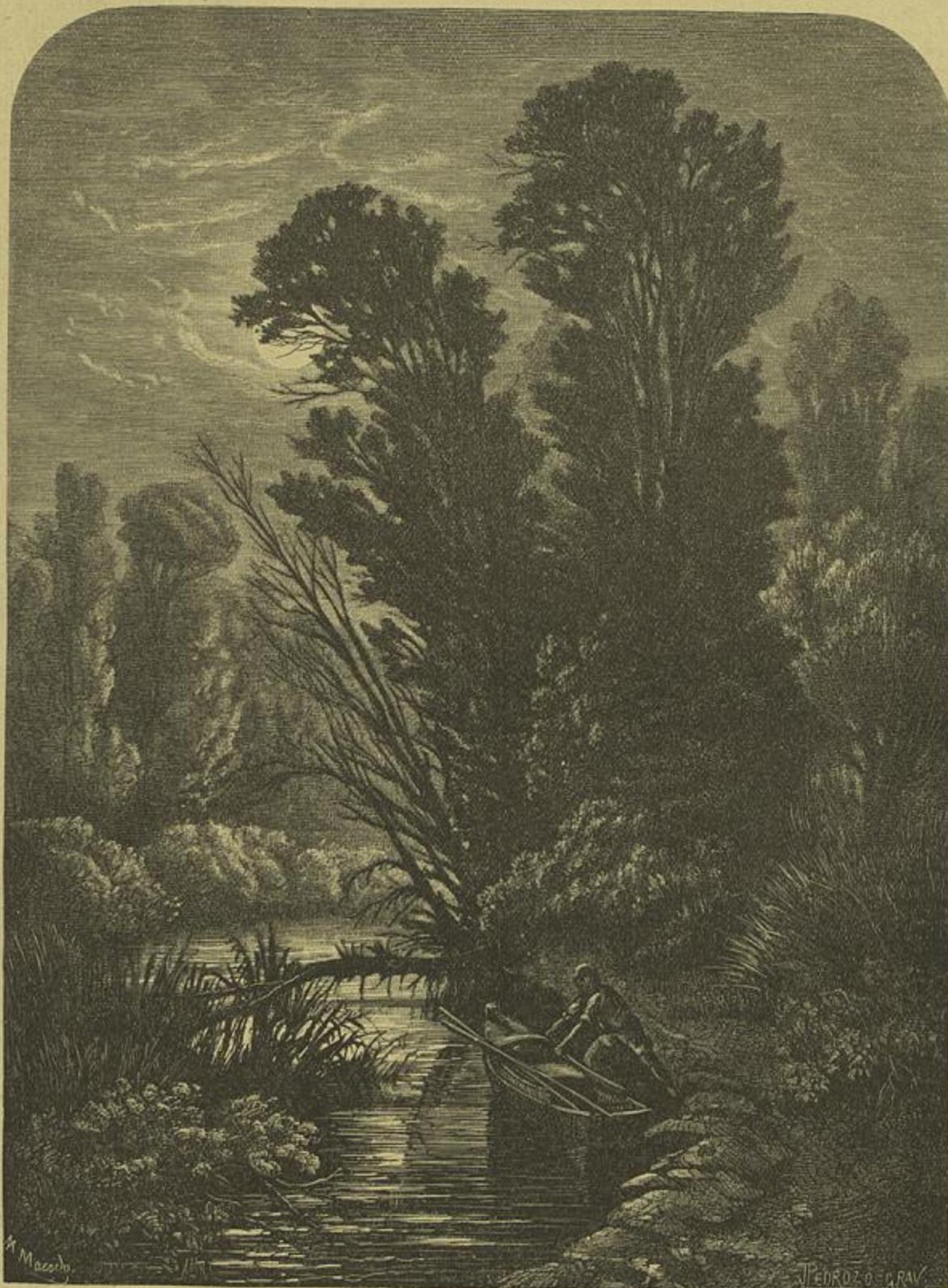
É doutrina sobranceira a toda a duvida que um talento do feitio e genio do que estamos ainda mais apreciando que applaudindo, pode ser, e é successivamente, varias cousas; mas uma unica será necessariamente em tudo e sempre. Essa naturalmente o caracteriza e explica. Assim foi Latino tudo o que apontei já: a espaços, alternadamente, jornalista, professor, poeta, essaysta, historiographo; mas uma só cousa *era*, uma só cousa sempre e em tudo foi, com relevo que nos pasma, com fulgencias que deslumbram: orador!

Por mais extranho que pareça ao primeiro aspecto, haveis de reconhecer, á quieta luz da reflexão, que orador é que elle era, orador é que elle foi em todo tempo e em tudo. Quando o podia ser, o que não produz de certo maravilha, e onde quasi o não podia ser: na aula, no periodico, na revista, na historia, em toda a parte a que lhe rasgava entrada o seu talento multiplo. Até no seu retiro de investigador curioso, de erudito consummadissimo que foi, achareis levantada a soberba tribuna do orador. As notas de seus livros, essas mesmas, as notas que ajuntou o seu saber variado aos elogios que lhe ouvistes n'esta casa, a qual bem se relembra d'elles, e do applauso fremente que lhes deu, essas mesmas, curtas com frequencia, explicativas, eruditas sempre, indicando muita vez apenas o que, por miudo e secundario, mal iria com o tom solenne, majestoso, grandiloquo, em que a sua palavra rememorava as grandes perdas que então vos enluctavam como agora vos enlucta a d'elle, são verdadeiros trechos de oratoria pela pomposa elevação do tom, pela redondeza sonora do periodo, pela opulencia do estylo, pela gravidade dos conceitos, pela rareza e maestria da dicção. Verificando-se d'esta arte o caso singular de ser este orador, que o era e dos maiores que jámais illustraram os annaes da eloquencia portugueza, um orador que falou muito menos do que escreveu. A falta de proporção entre seus dotes intellectuaes e suas feições physicas, menos proprias ao mister da palavra dicta—a exiguidade da estatura, a debilidade da voz, a estreiteza do peito, a fraqueza da vista—pois n'elle sómente era de lynce e da alma—a apertura do gesto, aquelle nervosismo, a que elle proprio allude e denomina excentrico—talvez explique bastante a anomalia, a singularidade que não soffre diversa ou melhor explicação, embora esta ministre á minha affirmação pensada a fraqueza e os senões de um paradoxo.

Assignada assim a forma em que mais se engrandeceu e affirmou o seu espirito, se quizermos determinar a indole peculiar, o caracter proprio, a feição privativa que na pratica assumia o instrumento poderoso de seu uso, é força reconhecer que a sua palavra falada ou escripta, em qualquer obra, desde a de indole mais didactica e por isso, claro está, mais contrahida e secca até aquella

que mais se ageita a essa fada multicor e garrida que se chama phantasia, é, como já disse, a de um orador legitimo, e, como direi agora, a de um genuino academico.

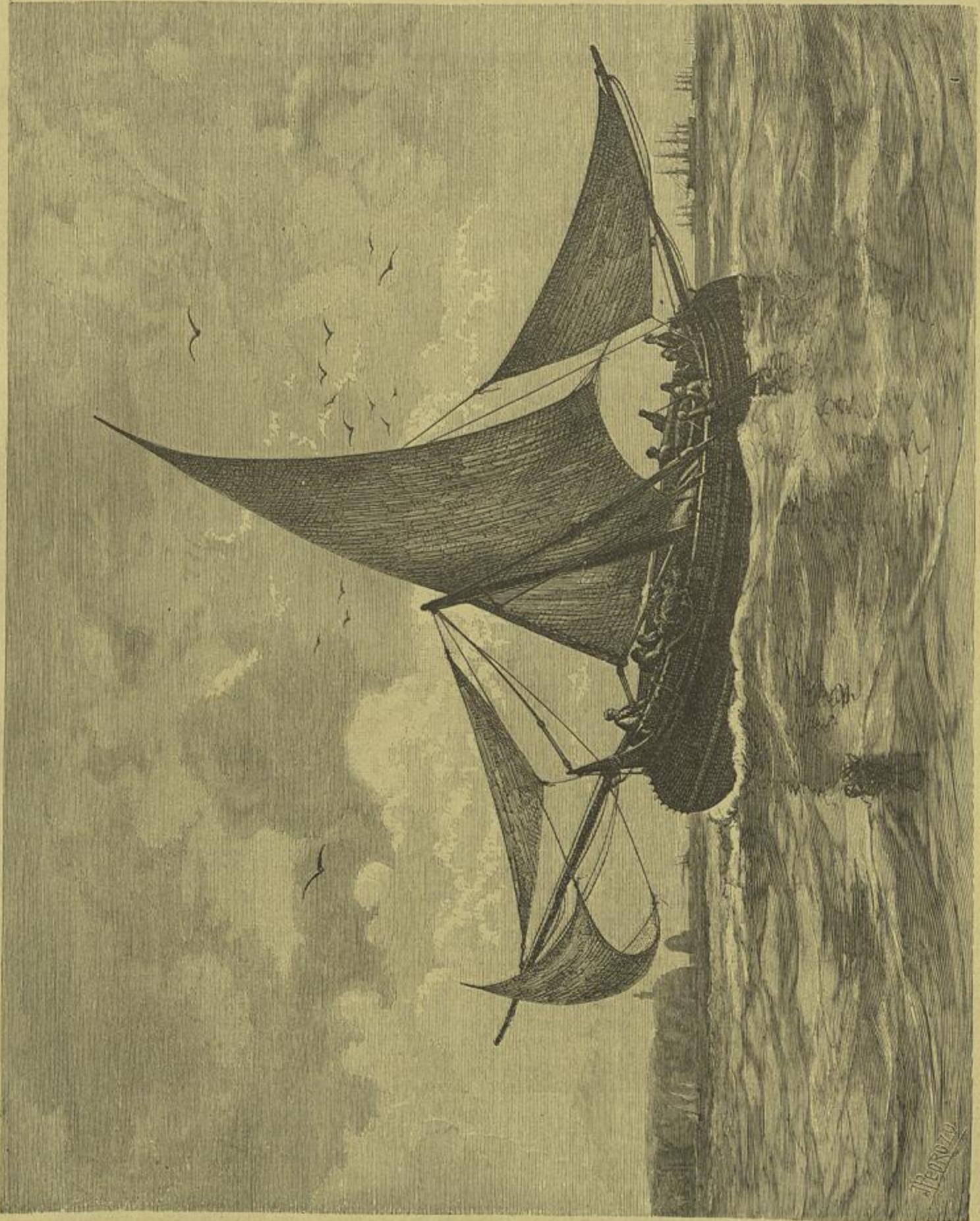
Advertistes por certo já, senhores, no evocativo poder de certos termos. Esses, a um tempo mysteriosos ministros e dominadores do pensamento, não exprimem muitas vezes simplesmente o sentido que lhes vem da sua procedencia propria ou republica; diplomatas perspicazes como poucos, tenazes como nenhuns, em toda parte, em todo tempo, a occultas, ás claras, tudo apurando, tudo espreitando, devassando, inquirindo, adivinhando, registando, advertindo para que não raie traça em ambição de rei, ou sanha de ministro, que a não penetre logo a Senhoria: mercantes e viageiros, interrogando os mais escusos recantos do Oriente, as Indias mysteriosas, o Cathay e o Ci- esplendor imperial de seus triumphos, tudo conjuncto, miscrado, fundido n'um todo unico, exsurge, como n'um kaleidoscopo instantaneo e phantastico, ao singello som d'esta palavra unica — Veneza.

Provai se sereis capazes de repetir tal dizer como este: Paços da Ribeira, sem que um exame, um mundo de cousas grandes e fulgentes vos perpasse pela phantasia absorta, cousas que não esta-

UMA NOITE NO MONDEGO

(Desenho de Manuel de Macedo)

do uso universal. Dizem, exprimem muito mais. Verdadeiros Merlins de diabril memoria! Será assim duro de dizer Veneza, sem que ante nós exsurja quanto sabemos, ou talvez sonhámos, de seus canaes cheios de gondolas, de seus palacios cheios de amores, de seus amores cheios de mysterio e morte. Dogaressas que parecem de ouro e purpura, doges inteiriçados no esplendor de suas roupas régias, hoje esposos do mar, ámanhã da morte, se indagadora vista suspeitou nos Dez ameaçada pela ambição dogal a integridade da

pango mais mysteriosos que ellas, para de lá trazerem, nas cançadas caravanas as aureas especiarias que hão de abarrotar um dia as caracas e galeões de Portugal; os piombi com os seus presos, as delações com os seus punhaes, os graves senadores em suas dogalinas, os Loredani incançaveis no odio, os Foscari abeberados de gloria e de agonia, o Bucentauro duas vezes monstro, o leão alado, symbolo da força que possuia e da presteza com que affirmava a poderosissima republica, a abundancia indizivel de suas feiras, o

vam, nem estão nos elementos constitutivos d'essa expressão singella: é o rei venturoso com a sua côrte festiva e buliçosa quanto a côrte mais buliçosa e festiva de que então se ennobrecia a Europa; é Bernardim Ribeiro e seus doloridos amores n'um supremo realce de poesia e de mysterio; é Gil Vicente e seus Autos, summa gaiata e gentil da vida palaciega e popular de então; navegadores ousados como nenhuns e ainda mais afortunados do que audazes, caudilhos de nomeadas rutilas como auroras, poetas de rimas vistosas

MOLETA DO SEIXAL

como seus perpoens, brilhantes como o aço dos seus peitos; armadas de verga de alto com seus matalotes de coração tambem e de alma de alto ao demandarem o mar, o mar longinquo, o mar impenetravel, n'esse tempo gloria e luz; mas tambem mysterio e morte. Dizei Paços da Ribeira e vêde se toda a grandeza d'esses grandes dias, que só cabe á larga nas estancias do maior dos epicos modernos, vos não fere os olhos n'esses termos breves, como o rapido lume de um relampago immenso.

Não é menos rica de idéas necessariamente associadas, esta simples palavra Academia. São os remansados jardins, o horto frio, o umbroso olivedo d'esse Academo, que não sei, que se não sabe quem foi, o que o faz mais afamado do que certo; é aquelle humano deus Platão, para quem não teve mysterios ou véos o pensamento, e nem sequer tenuissimas maculas a palavra, que elle parece ter bebido, com a idéa, dos labios e da mente da divina Athene; é Pericles, alma, vida e luz de Athenas, que de sua propria grandeza fez maior, e cuja toniruante eloquencia e cognominou de Zeus da Grecia; é Sophocles o bello, o grandioso, o commovido creador de Antigone; Anaxagoras que, em revelada intuição do genio primeiro annunciou o «vouz», «o espirito ordenador» do mundo; é Phidias e a sua estatua de marfim de Athene na Acropole, e a de Jupiter Olympico, maravilha e amor do mundo; é Polycleto e Miron, que só Phidias lograria superar; é, em summa, augusta creação do egypcio Cecrops, Athenas, da qual Athene, o nume tutellar das artes, das sciencias e das lettras era a imagem concreta e o real transumpto, Athenas, a cidade das musas, ás quaes nem nas mais renhidas e cruentas luctas recusou jámais o culto do seu espirito, Athenas, a Hellade da Hellade. «Ewadoz-Ewaz», d'um epigramma digno de Thucydides, a quinta essencia, o extracto triplicê d'essa Grecia, que attingiu, com a certeza do raio e a graça da juventude, o apice supremo da vida intellectual do mundo, e importa, no conceito de Hegel, todo o viço, toda a graça, todo o frescor da mocidade na vida do espirito, o mais gentil momento da historia da alma do homem sobre a terra.

Em tudo isto pensei eu, em tudo isto desejo e fio que pensasseis, quando affirmei puramente academico o espirito singular que nos congregou aqui n'um proposito de saudade e de affecto, porque era mortal e passou, de admiração e culto, porque era immortal e não passará jámais. E' d'esta Academia, que recorda á vossa mente e traz ao vosso coração quanto vos disse e quanto vos não disse, pois não m'o soffre o tempo, é d'esta Academia que Latino era membro, e primacial, por direito de nascimento e de conquista.

Abone-o, comprove-o um facto singellissimo da sua curta vida de politico.

Heis de lembrar-vos, senhores, da ultima vez que no aristocratico recinto da camara dos Pares resoou a voz do atheniense tribuno portuguez. Pois deixou elle, desamparou, desertou então, em quasi desapoderada fuga, a cadeira que vinha de honrar a sua palavra esmeradissima, não, por medo seu aliás temeroso contendor; mas porque este, á mingua de cultura antiga, ou na vehemencia apaixonada da porfia, usava desataviadas rudezas de expressão, irritantes aos nervos hypersensiveis d'esse fino artista, n'um desdem absoluto dos modelos que elle previamente lhe ministrara em redundantes, mas engraçadissimas periphrases, em complicadas, mas engenhosissimas allegorias, em forçados, mas subtilissimos euphemismos. Não podendo emmudecer o seu contrario, fugiu. Havia uma liberdade que seu espirito, que todas comprehendia, jámais comprehendeu: a da fórma que se não esmera, a da palavra, a que o desembargo do Paço do seu espirito não ousára pôr: «o póde correr» da lei.

Ora ser n'este sentido academico é requestar eternamente, com doloroso encanto, a perenne belleza, a perfeição suprema, belleza e perfeição, não sómente na accepção mais alta, mais nobre sem duvida de inteira conformidade do producto espiritual com a idéa de que procede; mas ainda no sentido mais estreito de conformidade inteira da expressão do pensamento com as preestabelecidas leis de um canon decretado e acceito.

E' facil assim de perceber que, de todas as obras com que este atheniense genio sobredourou seu nome e opulentou as lettras patrias, as mais credoras do nosso applauso sejam a oração da corôa de Demosthenes, que pôs em vernaculo e prefaciou largamente, e os elogios que proferiu n'esta casa, de que foi, durando a vida, orgulho e, depois, saudade e gloria.

São estes na cabal maestria seguro exemplar do genero. De seus periodos, modelados por mão que bem sabia modelar periodos, pode para taes escriptos extrahir-se canon semelhante ao de Polydoro ou de Alberto Durer — que nossos antigos impondo por altivo brio ás palavras peregrinas adoptadas as fórmas da propria lingua appellidavam de Dureiro — para a ideal belleza da estructura humana.

E' o primeiro pelo tempo da feitura o de D. Francisco de S. Luiz. Que bellas, que nobres, como se alam ungidas, impregnadas de poesia e graça as phrases com que prorompe essa oração academicamente bella! Deveria conceder-se-lhes o bronze que reclamam, se não ficassem mais inteira e perpetuamente fixadas para a imitação e para o applauso nas almas dos que então as ouviram e hoje as lêem. Que as almas são, para a admiração, para o affecto, para todos os donosos sentimentos, mais tenazes e certas guardadoras do que a parada frieza do marmore ou a pasmada rijeza do metal mais duro.

Varias prendas esmaltavam esse tão culto monge, que contemplou a conversão da cogulla monastica em purpura prelaticia com a christã indifferença que offerecera ao transmudar das roupagens cardinalicias na parda e apertada estamenha monachal: o saber, a modestia, a pureza da vida, a erudição varia e summa, o serio e vivo amor do estudo e o amor, mais sério e vivo, se é possivel, da verdade augusta. D'ellas se esclarecia esse suave espirito, cuja palavra e cujo exemplo inculcou sempre o céo, a paz, o saber, a Fé, ás almas trabalhadas do seu tempo.

Tudo isso era Latino capaz de estimar e tudo estimou á justa. Mas uma cousa principalmente o enlevou para o affecto, para o apreço, para o Elogio perfeito que os traduz: a sincera conjuncção no purpurado monge do amor á Liberdade e do respeito á Religião, do intemerato acatamento do direito alheio e da escrupulosa adstricção em tudo ao sancto e difficil dever proprio. Certificanol-o o esmerado auctor d'esse Elogio, subtrahindo-nos ao esforço de o inferir de seu dizer tão proprio, na precisa brevidade, do bronze que o calor abranda até a mais docil e receptiva sujeição e o remanso, longe da fornalha, endura para o sem-fim do Tempo: «O monge de S. Bento, tomando um dos principaes logares na marcha triumphal da revolução (refere-se á revolução iniciada em 24 de agosto de 1820), trajando no fastigio do poder a propria vestidura, que lhe era insignia de humildade, demonstrou que a Providencia confiara a um monge uma das primeiras magistraturas n'aquella quadra revolucionaria, para tornar bem manifesta uma verdade que se não havia ainda claramente revelado aos espiritos obcecados e pertinazes. — Aquelle religioso que vem annunciar a Lisboa a alforria de Portugal é mais do que o membro accidental da junta provisoria, porque é uma idéa personificada».

Essa idéa personificada não é senão a da possivel união sincera da fé e da liberdade, da religião do crucifixo e dos direitos do homem justamente interpretados. E esse monge, que o era ainda quando bispo, conde, par, ministro, conselheiro do estado, cardeal, grão-cruz, exprimia-a com brandura, mas firmeza rara.

Era ella uma convicção do animo generoso de Latino, do seu nobre coração. Mas ahi mesmo vejo reflectida uma nesga, um relance do céo da Hellade, sacra a seu fino espirito. Quebrou irreparavelmente a união politica da Grecia a mão sacrilega que destruiu o templo de Delphos. Da vida publica de Athenas é tão difficil separar o culto da grande Déa tutellar quanto de seu nome o nome d'ella: Athene.

No segundo d'esses elogios, segundo na ordem dos dias em que foi pronunciado, não menos bello que o mais bello d'elles, embalsamou Latino para o perpetuo applauso o nome e a memoria de Rodrigo da Fonseca Magalhães. Inquiramos o que lhe pôs nas mãos a penna senhoril d'esses periodos que illumina, ignorando-se qual mais, a elevação soberba dos conceitos e a inimitavel clareza da dicção. Diz-nol-o a sua voz, que pode e deve ser agora ouvida, como será sempre dos que falam e amam — verbos que são aqui, a mais não ser, synonymos — a namorada lingua que elle falou e amou: «Tal era o orador, escreve o nosso atheniense depois de uma viva hypolyposis do parlamento que celebrava, tal era o orador que encheu por mais de vinte annos com a sua voz eloquente o parlamento portuguez e com quem nos habituámos a ver a musa da tribuna sentada no banco do poder.»

Para o seu espirito, ao qual a vida espiritual da pequena cidade da Attica, que foi um momento a cidade maior do mundo, se fizera estreitamente intima, este achado tinha o encanto do melhor dos avanços que a terra em si escondeu piedosa um dia, e generosa nos devolve agora. E elle, o devoto amador de uma cultura que foi luz sem par, e é hoje um puro nada, que nenhum ar de vida alentará jámais, pegou d'essa memoria que lhe parecia vinda através dos tempos tão avaros do que em si somem e consomem irreparavelmente, envolveu-a em faixas embalsamadas e depol-a carinhoso n'uma crypta de ouro.

Os ultimos elogios de Latino versam sobre dois sabios: um, sem duvida o maior do mundo; o outro, o maior talvez da terra em que nasceu e da que o adoptou, em recentes dias: Alexandre de Humboldt e José Bonifacio. Ainda n'estes me não parece de todo remoto o amor votado á Hellade nas palavras que aos dois consagra e todos admiramos. Duas feições marcam mais que toda a physionomia intellectual do pensador e artista potentissmo do Kosmo. E ambas Latino se habituara a contemplar e a admirar na Grecia — e em si: a universidade do saber — encyclopedia é palavra e cousa que proveem da mão grandissima — e a urbanidade do engenho que se não desluz de querer a todos, sem plebeias intimidades, em familiaridade realçada pelo requinte aristocratico da fórma. No grande Prussiano gaba-se, com a profundeza, a multiplicidade quasi unica dos dotes; mas não menos a cortezã elegancia da palavra e a absoluta affabilidade do espirito. Todos sabem a infinita variedade dos dotes do semideus que foi Platão, a suprema belleza da palavra que lhe realçava a profundeza dos conceitos e a cortez, a amiga complacencia com que admittia ao titulo e carinho de escolares quantos o amor do bello e da verdade trazia aos appeteciveis jardins de Academo. E do seu grande mestre e antecessor é proverbio o affecto, a popularidade do tracto e do ensino. De asperos detractores lhe era até exprobrada a simpleza affavel com que envidava á convivencia de seu espirito os modestos cultores dos misteres mais modestos da cidade augusta.

Tão vivo supponho o hellenismo de que embebera Latino o diuturno tracto com os espiritos singulares que mais singularmente o exprimem, que só por elle entendo que traçasse sem reservas a sua penna o elogio d'esse notavel sabio que se chamou José Bonifacio — cuja acção politica desestimo em meu incondicional affecto a este torrão bemdicto, — apesar da dureza com que o geologo tractou a sua patria adoptiva e nossa nativa patria, e sem embargo da contradicção com que, supposto amador incuravel da liberdade, se desmentiu de tal, castigando com exilio os que com o exilio o tinham castigado, — com exilio em que elle carpiu longas tristezas e odes não menos longas que ellas. É que as paixões do espirito não são menos tenazes e dominadoras, não seduzem nem cegam menos que as que teem no coração a raiz e o pasto. E o sentimento que sobre todos vinculou, subjugou, absorveu a alma d'esse illustre brasileiro foi o amor á independencia da terra em que nascera. Ora esse amor, com o do Bello, com o da Verdade, foi a luz, foi a inspiração de Athenas. Amor estreito, muita vez injusto, mas sempre n'ella fautor de cousas grandes. D'esse amor é filha legitima e primogenita a obra que entre todas que gerou o genio grego conseguiu em Latino avassallar a admiração: a oração denominada da corôa.

Sentiu-se elle um dia plenamente embebido, plenamente informado do augusto espirito de Athenas.

E deliberou reptar a singular combate nada mais e nada menos que Demosthenes. E foi naturalmente essa oração da corôa «a ultima expressão nas artes da palavra» — escreve da obra prima o traductor feliz — que seu cabal saber do pensar, do sentir da alma da Hellade e seu inteiro imperio, assellado em tantas paginas fulgentes, da fulgente palavra portugueza, elegeram para incruento campo da requesta inolvidavel. Com artista não menos que o primeiro em todo o tempo na arte suprema da palavra se quiz medir e se mediu assim o artista portuguez. E o sol das grandes batalhas indecisas, senão o das grandes victorias consagradas, doura-lhe as armas que terçou no empenho ousado com brilho, que recai ainda em seu contrario e mestre sem rival na terra. E o mais que consentira a sorte em quem não fosse o proprio Demosthenes, redivivo e immenso.

Precede a traducção um vasto prologo. Quatro medalhões em que um Della Robbia da palavra reproduz em traço fino e certo outros tantos monumentos da grande alma hellenica: A Philosophia, a Medicina, as artes Plasticas, a Eloquencia. Não é a Hellade inteira, mas muito do que a define e exprime. Mereceu-lhe a Philosophia sobre todas particulares esmeros, cariciosas complacencias do cinzel. E com razão. O trecho amplissimo que lhe sagra, bello entre os bellos das lettras portuguezas, é em perfeita miniatura a historia do Pensamento grego desde seu primeiro berço sob o céo purissimo da Grecia, toro asado,

por gentil aspecto, ao amoroso enlace do sentir do Oriente com a cultura hellenica, até o tardio alvorecer da novissima Academia na cidade nascida do genio de Alexandre.

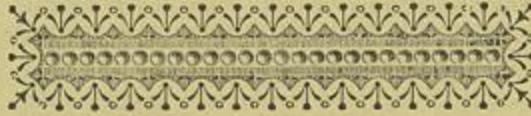
Foi assim este engenho singular o representante em nossa patria do puro espirito atheniense, attico, mas requintado, depurado, espiritualizado pelo christianismo, que elle comprehendeu e amou. Não se hesite pois em collocal-o na constellação que formam no eterno azul das lettras portuguezas Castilho, Garrett e Herculano, missão confiada a estes tres espiritos teria sido esta: Herculano é a expressão genuina da genuina alma portugueza; mas a expressão, ora erudita, reflectida, culta, ora vehemente, convulsa, apaixonada. E o extreme sentir e cuidar d'essa grande alma, de que hoje nos andamos transviados no enlace de peregrinos amores, nunca floresceu, nunca se avergou de mais sumarentos fructos do que na meia edade que elle fez sua, illuminando-a. Garrett é outra perfeita versão do mesmo espirito, mas sob a sua feição, mostra a especie popular, por mais instinctiva e espontanea, não por mais bravia ou rude feição e expecie extreme, desataviada de grandes, e até de pequenas erudições, que um pouco lhe desalinhariam a graça nativamente elegante, suavemente ingenua e feminil. Castilho, o domador seguro do metro, da rima, dos rhythmos poeticos da lingua portugueza, o possuidor, ainda mais seguro, se é possivel, dos segredos, quebros e donaires da prosa d'esta lingua incomparavel, é o representante das puras tendencias classicas, o que no Portugal de hoje dia, talvez no Portugal de todo o tempo, importa o mesmo que dizer a indole, a tendencia o espirito romano. D'esta sorte os dois privilegiados que foram Castilho e Latino, sem nos preoccuparmos n'este momento de sua grandeza mutua, o primeiro, como representante de um espirito do qual são feições caracteristicas a concisão e a sobriedade, que não é a ausencia de energia e seiva, senão o dominio reflectido de ambas, o segundo, como representante do espirito hellenico, isto é da proporção na grandeza, da graça na força, da harmonia na opulencia, alteiam-se como margens afestoadas e viçosas, entre as quaes discorre, em Garrett o veio profundo e amplo mas remansado e limpido, em Herculano a torrente impetuosa e espumea da aspereza do leito em que se estorce, do sentir portuguez, que estes dois heroes das lettras patrias mais vivamente incarnam.

Mas foi n'um ponto inegual a sorte d'estes quatro espiritos. A meia edade portugueza promette, mercê de Deus, não se apagar por ora em nossas almas. Das mãos que ás ourelas do tumulo o deixaram, teem já tomado o ateado facho alguns dos novos, que por isso applaudo. Querem-se retemperados e refeitos na agua lustral das patrias tradições queridas. O espirito romano, tal qual nol-o exprimiu Castilho, louvado Deus, não se apagou tambem. Subsiste; attenuado, semi-esquecido, sem embargo dos esforços e exemplos do grande mestre extincto; mas subsiste no dominado coração de alguem. Só Latino se partiu de nós sem legar posteridade intellectual. O que havia de hellenismo nas lettras portuguezas desmaiou, apagou-se, esvaeceu com elle. Por isso a sua perda, que não é maior, será mais sentida. Os crepes que este illustre instituto vestiu por elle não os despirá por ora. Não vejo a mão, que por fiel sequaz de seu exemplo, lh'os possa arrebatar. Subsiste irreparada a perda, subsista o lucto que a traduz.

Mas não devia n'este recinto, cuja clareza accresce o vosso aspecto, funestar instantes de apotheose o falar de lucto e crepes? Talvez.

Um dia em Athenas, um tragico louvado, Phrynichos, expôs, em tragedia dolorosa. «A conquista de Mileto». Um drama fundido em sangue e lagrimas. Funesta successão de luctuosas scenas da misera cidade, filha e confederada de Athenas, investida, entrada, ensanguentada pelos Persas victoriosos e crueis. Repassou-a do sentido prantо a commoção d'esse auditorio unico. A obra do Poeta embalsamou-se para a posteridade n'esse amargo sal. Mas, dissipada a commoção primeira, proromреu fremente a indignação de todos. Todos, esquecidos de suas lagrimas, condemnavam o Poeta que as causara. Para longe dos olhos da alma os desastres da patria estremecida...

Mas eu, senhores, menos astroso que o tragico de Athenas não vos pintei cabal a irreparavel perda. O espirito que memoramos não se afastou d'este ninho silencioso e fecundo que tanto amou. Aqui está e aqui se ficará, como é seu direito e nosso prol, pela claridade crystallina do engenho, pela insondada profundeza do saber, pela meticulosa castidade da alma, pela inexhausta honestidade da vida. É aqui o seu logar agora, como foi uma hora aqui o seu logar. Não sepultou Athenas na necropole instituida para os primeiros de seus filhos cahidos em batalha, no empenho de manter sem quebrar a gloria e poderio da mãe patria, os prostrados heroes de Marathona. Onde tinham vencido e cahido, vivo holocausto pela patria, ahi os tumulou. Grandes sobre os que mais o foram na heroicidade, não os trasladou do theatro da sua gloria. As sombras d'esses bravos desceriam a consolar a cidade inconsolavel, carinhosamente, irresistivelmente attrahidos pelos effluvios mysteriosos da saudade potentissima, o clamoroso applauso, o fervor dos hymnos, as palmas, o incenso, as flôres, quanto perfaz em summa esse inebriante fumo, esse delicioso nada, que se chama a gloria...»

José de Sousa Monteiro.

AS NOSSAS GRAVURAS

UMA NOITE NO MONDEGO

Rio de poetas é o Mondego que até Camões cantou nos seus immortaes *Lusiadas*.

Poetica é a vista que o desenho apresenta; por uma noite de luar, em que o palido astro espreita a agua corrente atravez dos choupos e dos salgueiros.

Deslisando mansamente, no verão, que é um encanto vogar pelas suas aguas, torna-se terrivel, impetuoso no inverno quando trasborda do seu leito e alaga os campos marginaes, que devasta.

Tambem assim é bello. Tem a belleza do terrivel!

Corre aos pés de Coimbra, onde inspira a mocidade academica, e a quantos poetas moços elle tem inspirado os seus primeiros versos.

Não é preciso grandes buscas para encontrar soberbas poesias dedicadas ao Mondego.

Ahi vão quatro versos da *Ulyssea* de Castro:

Corre por entre os bosques divertido,
Em curso tão sereno e socegado,
Que nas voltas se mostra arrependido
De levar agua doce ao mar salgado.

UMA «MULETA» DO SEIXAL

A archeologia naval portugueza, tão variada e tão interessante, não mereceu ainda apezar de tudo, o erudito cuidado dos nossos escriptores maritimos. Esta lacuna, deveras importante n'um povo que como o nosso deve toda a sua grandeza ás navegações, é imperdoavel. Escriptores de nomeada teem clamado e deplorado a pobreza do nosso museu naval, que tão bem ficaria disposto no mosteiro dos Jeronymos, esse monumento erguido á memoria da nossa mais arrojada empreza nautica.

Na verdade bem difficil se tornará em breves tempos o distinguir e comparar os variados generos de embarcações de guerra do tempo das descobertas e a confusão será geral e aviltadora para quem como nós devia dar lições n'essa parte da archeologia, como as demos na arte das construcções navaes, que tão imitadas foram.

Do nosso genio maritimo, se não existem hoje galeões, naus, caravellas, bergantins ou fustas, existem comtudo variados typos de barcos de cabotagem e de pesca, que são provas interessantissimas, e de que nenhum povo navegador é mais rico ainda. Infelizmente vão desapparecendo pouco a pouco esses typos de barcos, e a não ser n'algumas pinturas, illuminuras, gravuras e azulejos, é raro achar uma reproducção que se perpetue. E' talvez nos azulejos que se encontram as mais curiosas representações de certos barcos, e d'ahi as copiou para illustrar o seu notavel livro do *Estado actual das Pescas em Portugal* o sr. Baldaque da Silva, abrindo assim brilhantemente a serie dos estudos que exige a archeologia naval portugueza.

A nossa estampa representa uma *muleta* do Seixal, barco caracteristico, que raro se affasta do Tejo, dobrando o Espichel para o norte ou para o sul, mas dentro sempre das aguas continentaes. E' decerto a *muleta* do Seixal um dos mais interessantes documentos do nosso trato com outros navegadores. Segundo Ramalho Ortigão, no seu *Culto da Arte* em Portugal, a *muleta* é uma reproducção do navio grego do tempo de Herodoto, como o *saveiro* o é dos navios do Bosphoro.

Já que fallámos em tão bello livro, seja-nos permittido transcrever aqui do *Culto da Arte* os seguintes periodos, deveras interessantes, nos quaes se enumeram os diversissimos typos das embarcações portuguezas.

«Em toda a nossa costa, desde o Minho até o Guadiana, a enorme variedade de fórmas nas embarcações da pesca maritima, da pesca fluvial e da pesca lacustre, basta para evidenciar a persistencia da tradição no grande genio maritimo de tão pequeno povo.

Os que ainda vão á pesca do bacalhau, á Terra Nova, equipam de uma maneira especial a escuna ou o patacho, preferindo porém o typo latino do hiate e do lugre. Os que vão á cavalla, á pescada e ao sarrajão, no mar de Larache, embarcam nos cahiques de Olhão, semelhantes aos de toda a costa algarvia e aos de Lisboa e Setubal, de prôa redonda, apparelhando com dois bastardos. A' pesca do alto vae a lancha de Caminha, construida no portinho de Gontinhães; a lancha póveira, de bocca aberta, apparelhando com um só mastro e a verga munida de uma grande véla latina; o *barco da pescada*, de Buarcos, de borda alta e duas pequenas toldas, apparelhando com dois mastros; o catraio da Nazareth; o *barco da sacada*, de Peniche, de convez corrido com quatro escotilhas e dois mastros, com as vergas preparando em cruz; a *rasca da Ericeira*, a da Figueira da Foz e a da Vieira; as canôas de Belem, de Cezimbra, de Setubal e do Algarve, chamadas em Lisboa *enviadas* ou *canôas da picada*, e no Algarve *andainas*. Na pesca maritima costeira empregam-se embarcações numerosas e variadissimas. Na arte de galeão agrupam-se: o *galeão*, coberto, de prôa direita e arrufada, apparelhando com o latino triangular, que amura ao bico de prôa e caça á pôpa, em mastro inclinado para vante; o *galeonete*; o *buque*, curvo na roda de prôa e sem coberta; a canôa do galeão, e o *acostado*, que se emprega no transporte do peixe. Na armação fixa do atum e da sardinha, das *almadrabilhas*, ou *almadravas*, como antigamente lhes chamavamos, de nome arabe que os hespanhoes conservam, labuta o *calão*, grande lancha, de bocca aberta, armando com estropo, oito ou dez remos por banda, tendo na prôa arredondada, rematada no alto por duas femeas, uma saliencia vertical de puas em serra, semelhante um lombo de peixe, e pintado de cada lado, um olho arregalado para o horizonte; a *barca da testa*; a *barca das portas*; a *barca da gacha*; e o *laúde*.

Na costa do Algarve, as almadravas occupam hoje approximadamente os mesmos logares que tinham no seculo XVI; e o *calão* é, como alguns barcos do Douro, de prôa comprida e alta, propria para atracar a margens escarpadas ou para varar com facilidade na praia, o typo mais analogo ao das embarcações portuguezas de ha trezentos ou quatrocentos annos.

Nas artes de arrastar para terra figuram as *xavegas* do Algarve, os *saveiros* e as *meias-luas*, de Espinho, Furadouro, S. Jacintho, Costa Nova, Mira, Tocha, Buarcos, Lagos e outros logares desde o sul do Douro até a Vieira, reapparecendo, mais abaixo, na costa de Caparica e da Galé, e na praia de Sines. *Nas redes de alar a reboque* trabalham as *muletas* e os *bateis do Seixal*.

O sr. Arthur Baldaque da Silva, no seu precioso livro *Estado actual das pescas em Portugal*, enumera ainda, entre os diversos typos de embarcações empregadas em varios systemas de pesca, o *batel de Espozende*, o *barco de Vianna do Castello*, a *barquinha do rio Lima*, a *bateira da Figueira da Foz*, a *lancha de Buarcos*, a *lanchinha do Tejo*, o *ilhavo da Tarrafa*, o *batel de Peniche*, o *cahique* e a *lancha de Peniche*, os *póveiros* de Lavos, de Buarcos, da Nazareth, de Cascaes, de Cezimbra, de Setubal; o *catraio*, a mais genuina embarcação portugueza da nossa costa meridional, *caçadeira* e a *focinheira de porco* da Ericeira, a *maceira* da costa do Norte, o *cahique de Sines*, o *barco minhoto*, construido em Lanhellas e em Forcadella o *batel do Cavado*, o *barco do Douro*, o *esgueirão da ria de Aveiro*, a *lancha de Villa Franca*, a *bateira do Mondego*, a *lanchinha* e a *chata do Tejo*, e outros do continente, sem contar os barcos de cabotagem, os typos da Africa, dos Açores, da ilha da Madeira, não descriptos, infelizmente. São ainda de notar, entre as jangadas mais caracteristicas, as de Marinhas, para a pesca do polvo; as de Fão e da Apulia, para a apanha do sargaço; as de Neiva e as de Sedovem.»

UM DEVOTO DE BACCHO

Por estes frios de dezembro, não ha nada como uma boa pinga para aquecer, diz o devoto de

Baccho, mas se estivermos no verão, quando o calor abafa e procuramos, sequiosos, a fresca agua da fonte, o devoto de Baccho diz tambem: para refrescar não ha nada como uma boa pinga.

Assim vae bebendo sempre, ora para aquecer, ora para refrescar, e por tanto beber está reduzido ao estado em que o desenho de Manuel de Macedo o apresenta, e em que todos o vêmos por essas ruas de Lisboa por altas horas da noite

O desenho apresenta-o ainda em libações, de que elle não tem já consciencia, porque de tanto beber, vae já deixando esvasiar o copo para o chão como se o estivesse levando á bocca.

Aquelle não poderá dizer que o ultimo copo é que lhe fez mal, porque não sabe qual elle foi!

UM DEVOTO DE BACCHO

(Desenho de Manuel de Macedo)

LIVRO DAS QUE SOUBERAM AMAR

PELA

PRINCEZA * * *

COMMENTADO POR

Arsène Houssaye

LIVRO I

IV

O TOSÃO D'OIRO

N'este ponto interromperam bruscamente o narrador.

— O que! Violante! exclamou Mario; aquella adoravel mulher que vi pelo teu braço, o anno passado, na praia de Trouville!

— Violante! Tão linda e risonha! A que te acompanhava sempre ás primeiras representações? Violante, por cognome o Tosão d'oiro?

— Violante! Uma loira de pelle ambreada que dizia tão docemente, mostrando os lindos dentes: *Mio caro?*

— Aquella a quem chamavam o Tosão d'oiro, por causa dos cabellos doirados?

— A que poz em moda os penteados venezianos?

— A que tinha a *demi-Daumont* de mais perfeito estylo que apparecia no Bosque?

Cruzaram-se as interrupções com a rapidez dos tiros de um pelotão.

— Sim, sim, essa mesma! disse Paulo de Hauteroche com um profundo suspiro.

Enfiara-se-lhe o rosto, e sua tristeza communicou-se a todos, que já pareciam adivinhar o final da historia. Silencio profundo. Hauteroche continuou:

— Como podem calcular, meus amigos, não vi duas vezes a esplendida apparição sem procurar seguil-a e convencer-me de que não era um fantasma evocado pela fantasia.

Ao terceiro dia, fui-me atraz d'ella e fallei-lhe junto á Ponte dos Susperos.

— Senhora, será permittido a um estrangeiro saudar a mais formosa e radiante personificação de Veneza?

O madrigal, convenho, era idiota; mas quem se dirige assim a uma mulher bonita que lhe não diga uma estupidez?

Poz-se a sorrir.

— E' francez, senhor?

— Nasci em França, minha senhora; mas sinto-me veneziano pelo amor, respondi, querendo lisongear seus instinctos nacionaes.

— Estes francezes!... Nunca são da terra d'elles! respondeu rindo-me na cara com a maior das semcerimonias.

— Ri-se, mas não tem razão. Ha oito dias que todas as noites a vejo passar, e em toda Veneza, tão cheia de maravilhas, só a vejo, minha senhora. E eu não rio.

Não quero adormecel-os, repetindo-lhes palavra por palavra tudo quanto espirituoso ou tolo lhe disse n'essas e nas outras seguintes noites. E entretanto quantas palavras trocámos todas me vêem agora á lembrança como outras tantas palavras de maldição! Tenho a cabeça cheia d'ellas; ainda as oiço! Escuto aquella voz sonora, pastosa, trocista, em que o ciciar veneziano soava como terna ameaça. — Ai de mim! De tudo isso o que é feito? — da alegre rapariga, do doce dialecto cheio de vocalisações infantis, do riso encantador, que tão bem o acompanhava!

Ao terminar estas palavras, Paulo de Hauteroche tinha lagrimas na voz, como se diz por vulgar, mas justa metaphora.

— Vamos, amigo, seja um narrador menos melancolico, disse o Baccaratzinho, que detestava tristezas.

Paulo de Hauteroche fez um esforço para sorrir-se.

— Tem razão, disse: lagrimas depois de jantar são máo vinho. — Segui-a pois. Ella sabia um quasi nada de francez e eu arranhava algumas poucas palavras do dialecto veneziano. Como andavamos apaixonados, eu por ella, ella por um outro, haviamos, pouco mais ou menos, de nos entender. Por vezes, era uns contrasensos, uns despropositos, que me extasiavam! Ella ria-se, não parecendo zangar-se com a minha perseguição. Tinha, porém, o segredo de me despedir, logo que chegavamos a não sei que rua, onde vinham encontrar-se varias travessas todas mais ou menos indo dar ao Arsenal.

Ao quarto dia, deixei-me ficar em casa para reler o livro de Stendhal: *Sobre o Amor*. Não fiz senão sonhar com os grandes olhos e os cabellos loiros da minha veneziana!

Que me importavam o Ticiano, o Tintureto, a Veronez e o Giorgione? Bem me ralavam velhos palacios, architectos velhos, historias velhas! Eram todos meus pensamentos para essa divina obra prima, que todas as noites passava, á mesma hora, pela praça de S. Marcos. — Aonde iria assim? Tinha com certeza algum amante! — Eis o grande problema que me preoccupava. Do mais que se me dava? Não era ella toda Veneza, a Veneza bella e poetica, a altiva e indomavel Veneza? Para traz, pintores, esculptores, architectos, ha duzentos ou trezentos annos sepultados debaixo das vossas obras! Tenho ante meus olhos a viva, a adoravel synthese de todos os genios de Veneza!

Passei o dia inteiro a recitar estas lindas coisas entre duas paginas de Henri Beyle; depois, á noite, fui-me passear sob as *Procuratie*, qual conspirador dos bons tempos dos Dez.

(Continúa).